

Uma armadilha para Ifigênia

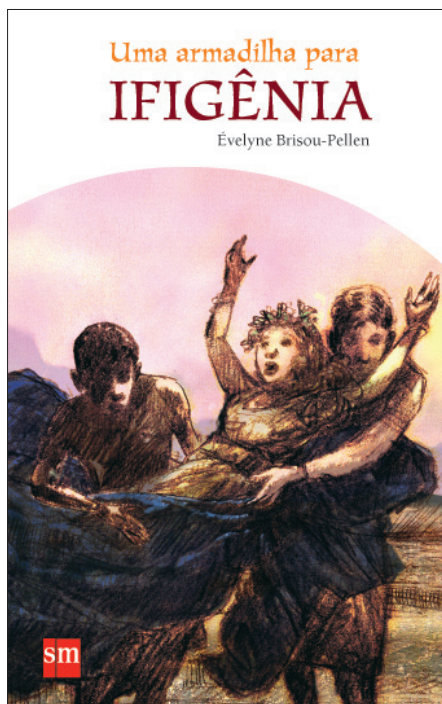
Évelyne Brisou-Pellen

Tradução Eliane Jover

Temas Violência ritual; Honra e devoção;
Iniciação amorosa



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



112 páginas



MITO e Mistério

Aproximar o leitor adolescente do universo da mitologia clássica por meio de “histórias de suspense” com os heróis das tragédias gregas, das epopéias homéricas e de outras fontes literárias: eis o objetivo principal da coleção MITO e Mistério.

À diferença das narrativas mitológicas tradicionais, transmitidas oralmente ao longo de gerações, as histórias dessa coleção apóiam-se em obras conhecidas, recontadas numa linguagem acessível, em forma de romance. O foco geralmente incide sobre a biografia do herói e sobre os elementos de suspense (dramas familiares, assassinatos, vinganças), que os jovens tanto apreciam.

A ênfase nos aspectos simbólicos (relativos ao caráter e ao comportamento dos heróis míticos) permite a discussão de valores e referências culturais que estão na base da nossa civilização, defrontando o público juvenil com questões fundamentais sobre a vida em sociedade, as relações familiares, as escolhas pessoais e os impasses éticos que aí têm lugar.



2008996275003

RESUMO

Ifigênia, princesa da cidade de Micenas, recebe um chamado de seu pai, Agamêmnon, comandante das tropas gregas a caminho de Tróia. A fim de se casar imediatamente, ela deve viajar para o porto de Áulis, onde a esquadra grega aguarda o vento para partir.

Tal chamado é motivo de surpresa e apreensão para Ifigênia e para sua mãe, a rainha Clitemnestra. Apesar disso, ambas começam a se preparar para a viagem. Ifigênia, porém, está inquieta: quem e como seria, afinal, seu pretendente? Por que tanta pressa em vê-la casada?

Chegando às praias de Áulis, acompanhada de sua mãe e de Orestes, seu irmão pequeno, Ifigênia vislumbra a armada comandada por seu pai, com cerca de mil navios, prontos para zarpar. Dentre os soldados ali reunidos, encontra-se o belo e valente Aquiles, filho do rei Peleu e da deusa Tétis, o qual, conforme se vem a saber, foi o escolhido por Agamêmnon para desposar Ifigênia.

Inesperadamente, irrompe no acampamento um homem esfarrapado que, empunhando uma adaga, toma dos braços de Clitemnestra o pequeno Orestes como refém. Trata-se de Télefo, rei de Mísias, cidade que oito anos antes havia sido invadida pelo exército de Agamêmnon. Naquela ocasião, Télefo foi ferido pela lança de Aquiles. A ferida desde então permaneceu aberta, só podendo ser curada, conforme instrução de um oráculo, pela mesma arma que a causara. Assim, Télefo pede ajuda, propondo-se em troca ensinar o caminho de Tróia ao exército grego. Alcançando o que procura, Télefo fica sob os cuidados de Ifigênia, a quem conta detalhes sobre a origem, a força e a doçura de Aquiles, inclusive sobre sua lendária invulnerabilidade. A moça fica cada vez mais encantada com o pretendente a ela destinado.

Mas o equívoco é logo desfeito: ao interpelar Aquiles, chamando-o de genro, Clitemnestra descobre sua total ignorância quanto aos planos de Agamêmnon. Um criado revela então o motivo real que trouxe Ifigênia a Áulis: ser sacrificada para aplacar a ira da deusa Ártemis que, ofendida por Agamêmnon, suprimira o vento necessário à partida da frota grega. O sonho de núpcias se desfaz em sangue: Ifigênia fora atraída à morte pelo próprio pai.

Clitemnestra, furiosa e transtornada, interpela o marido, que – resignado e impotente – confessa tudo. A jovem inicialmente decide fugir, com a ajuda de Aquiles e de um criado. Na última hora, porém, fica sabendo que seu pai havia tentado impedir sua chegada a Áulis, sendo detido por Menelau, esposo de Helena, cujo rapto estava na origem da disputa entre gregos e troianos.

Ifigênia resolve então entregar-se voluntariamente ao sacrifício, aceitando seu destino e atendendo aos desígnios de Ártemis.

As cenas finais ocorrem no altar da deusa, onde um sacerdote comanda o ritual. No último instante, quando a lâmina já toca a sua carne, o corpo de Ifigênia desaparece, substituído pelo de uma corça. Apaziguada em sua ira, Ártemis salva a vida da jovem inocente.

METAMORFOSES DO MITO

NARRAR E MOSTRAR

A versão mais conhecida do mito de Ifigênia é, sem dúvida, a peça teatral de Eurípides (480-406 a. C.), *Ifigênia em Áulis*. Tendo em vista que o texto do dramaturgo grego serviu de base para a adaptação de Brisou-Pellen, é essencial que os estudantes possam refletir sobre as principais diferenças entre a linguagem própria a um texto escrito para ser encenado e a versão romaneada que tiveram a oportunidade de conhecer.

A principal diferença reside exatamente no fato de que, no teatro, o que vale é a intenção dramaturgicamente de mostrar: o leitor do texto teatral (bem como o espectador de uma montagem) é levado a imaginar as cenas (ou a presenciá-las), acompanhando o desenrolar da história em ato, naquele exato momento, no presente da leitura ou da representação. Os personagens falam e sua fala também é ação; ninguém conta algo, de forma distanciada, mas vemos as coisas acontecer. Já o narrar traz sempre a mediação daquele que conta, alguém que narra algo que já aconteceu, em um passado próximo ou distante, como ocorre no gênero épico, do qual o romance moderno é um desdobramento. Nesse caso, é a própria protagonista da história, a bela e virgem Ifigênia, que nos diz, em primeira pessoa, o que lhe ocorreu, antes de ser salva pela deusa Ártemis, durante a cerimônia do sacrifício.

O CORO GREGO

Vale a pena também considerar como, tanto no texto teatral como no romance, os fatos antecedentes são recuperados, para que o leitor compreenda o cerne da diferença entre os dois gêneros. É interessante, por exemplo, resgatar o papel do **coro** (comumente composto por mulheres) nas tragédias gregas, que não apenas representava a “voz do povo” – ou mesmo a do próprio dramaturgo –, expondo opiniões e propondo o debate sobre os temas encenados, mas que também, não poucas vezes, encarregava-se de contar os fatos que teriam acontecido antes, explicando por

que os personagens se encontravam em determinada situação naquele momento.

Em sua primeira participação na peça de Eurípides, o coro de estrangeiras (vindas de Cálcis) confere a Menelau o epíteto de “louco” e a Helena, o de mulher “desastrosa”, que traíra um rei “para se juntar em núpcias bárbaras a novo esposo”. Além disso, o coro descreve os “bosques sacros de Ártemis”, fornecendo importantes referências sobre os heróis e divindades do politeísmo grego. Ao mesmo tempo, seu discurso antecipa as nobres características do valente e leal Aquiles, suposto noivo de Ifigênia. Na narrativa adaptada, essas funções são transferidas para personagens secundários, cuja participação resume-se quase que exclusivamente a esse fornecimento de informações: é o caso, especialmente, do rei Télefo, que nem aparece na versão eurípidiana. No trecho a seguir, as mulheres do **coro** transformam-se em porta-vozes de valores caros aos gregos, sobretudo os referentes à educação, especialmente privilegiados nas tragédias de Eurípides:

*Concede-nos a graça de sentir
apenas os desejos moderados,
ornadas de uma graça sempre casta! [...]
A natureza dos mortais varia,
varia sua maneira de ser,
mas a índole realmente boa
revela-se apenas pela conduta;
os dons que devemos à educação
ajudam-nos a sermos virtuosas,
pois o pudor é prova de prudência.
O que há de mais belo é discernir
nosso dever graças à inteligência.
Temos, então, direito de esperar
como prêmio de nossa compostura
a glória imune ao transcurso do tempo.*

[EURÍPEDES, *Ifigênia em Áulis, As fenícias, As bacantes*. Tradução Mário da Gama Kury. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 42.]



Como se vê, a fala do coro acaba por antecipar e, mesmo, por justificar o comportamento de Ifigênia, desde seu interesse pelo povo mais humilde e necessitado (que transparece nos capítulos iniciais da narrativa, ou na sua opção por cuidar de Télefo) até sua aceitação heróica do sacrifício, em nome de uma causa maior e mais nobre, visando à glória futura. O culto à castidade também aparece aqui como bom tema de discussão entre os jovens sobre os valores contemporâneos.

DEPOIS DO SACRIFÍCIO

O desfecho do mito, que tem diferentes versões, é especialmente destacado em textos antigos ou mais contemporâneos, que se propõem recontá-lo. Assim, no *Catálogo das mulheres* – poema anônimo pertencente ao ciclo épico, recolhido por Hesíodo –, Ifigênia (aqui chamada Ifimedéia) revive para a eternidade como uma espécie de encarnação gloriosa da própria deusa Ártemis:

*De Ifimedéia sacrificaram os Aqueus de boas grevas
sobre o altar da clamorosa Ártemis da flecha de ouro no dia em que,
com as naus, navegaram para Tróia a fim de infligir castigo por causa
da Argiva de belos tornozelos, uma imagem: a Ifimedéia a caçadora
de cervos, atiradora de flechas, muito facilmente salvou, e agradável
ambrosia derramou da cabeça aos pés, para lhe tornar duradoura a
pele, e deixou-a imortal e sem envelhecer para sempre.*

Atualmente, sobre a terra, as raças de homens a chamam de Ártemis protetora de caminhos, servidora da gloriosa atiradora de flechas.

[RIBEIRO JR., W. A. Hesíodo Fr. 23ª Merkelbach-West: tradução e comentários. *Calíope – Presença Clássica* (Revista do Departamento de Letras Clássicas da UFRJ). Rio de Janeiro: UFRJ, n. 12, p. 84-92, 2004.]

Trocando em miúdos os epítetos e torneios sintáticos, teríamos o seguinte: Os gregos (“Aqueus de boas grevas”, isto é “bem armados”, já que grevas são a parte da armadura que recobre as pernas) sacrificaram sobre o altar de Ártemis uma imagem de Ifigênia por causa de Helena – “a Argiva (da cidade de Argos) de belos tornozelos” –, cujo rapto deflagrou a luta entre gregos e troianos. Porém a caçadora de cervos (Ártemis) salvou Ifigênia e a tornou para sempre jovem e imortal.

Assim, nesse poema, Ifigênia não apenas é salva por Ártemis, mas passa a ser confundida com ela e reconhecida por todos como a nova “protetora dos caminhos”.

O próprio Eurípides e, bem posteriormente, o alemão Goethe escreveram peças que deram continuidade ao episódio em Áulis, focalizando Ifigênia como sacerdotisa da deusa Ártemis em Táurris, onde passara a ser responsável pelo sacrifício de todos os estrangeiros que chegassem à cidade. Mais uma vez, a heroína optaria por decidir sobre seu próprio destino, fugindo de sua tarefa ao reconhecer, entre os forasteiros, seu querido irmão Orestes, que matara a própria mãe, Clitemnestra. Esta, por sua vez, teria assassinado Agamêmnon, com ajuda do amante, Egisto, numa nova sucessão sangrenta que se estende às várias gerações dos Átridas.

EXPIAR E PROPICIAR

Também uma das mais importantes escritoras portuguesas do século XX, Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004),

compôs um belo poema em que descreve o sacrifício voluntário da heroína grega, destacando sua altivez resoluta e sua dignidade serena. Em versos decassílabos heróicos, a jovem virgem renuncia à vida em nome da vitória, da honra e do poderio da civilização grega.

IFIGÊNIA

*Ifigênia levada em sacrifício,
Entre os agudos gritos dos que a choram,
Serenamente caminha com a luz,
E o seu rosto voltado para o vento,
Como vitória à proa dum navio,
Intacto destrói todo o desastre.*

[Coral (1950) in BREYNER, Andresen Sophia de Mello. *Antologia*. Lisboa: Moraes Editores, 1970. p. 103.]

Note-se, particularmente no último verso, o poder sugestivo das assonâncias, bem como seu impacto imagético. Após ser comparado à “vitória à proa dum navio” (algo que a sua morte deveria propiciar) o rosto de Ifigênia, intacto, “destrói todo o desastre”. A partir da oposição entre choro e serenidade, guerra e inocência, integridade e desastre, Sophia aproveita, em seis breves linhas, toda a carga emotiva e política do mito.

Finalmente, é preciso destacar que, nessas várias releituras, alterna-se a ênfase dada ao reconhecimento do caráter expiatório do sacrifício da virgem Ifigênia (que pagaria com a própria vida por um desregramento ou excesso imprudente de seu pai) e de sua feição propiciatória, como episódio indispensável para garantir o sucesso da empreitada guerreira dos gregos. No entanto, em todas elas ressaltam-se a coragem, o empenho e o desprendimento exemplares da jovem heroína, confirmando e satisfazendo seu desejo de passar à posteridade de forma gloriosa. São estas suas últimas palavras, segundo a versão de Eurípedes:

*[...] Eis-me aqui,
meu pai; dou espontaneamente minha vida
por nossa pátria; [...]
pois o oráculo impõe o sacrifício.
Se depender de minha morte apenas, gregos,
sereis felizes e colhereis a vitória
e voltareis à pátria cobertos de glória.
[...] eu mesma apresentar-vos-ei meu alvo colo
silenciosamente e sem constrangimento,
obedecendo apenas à minha coragem!*

[EURÍPEDES, *Ifigênia em Áulis, As fenícias, As bacantes*. Tradução Mário da Gama Kury. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 99.]

NA SALA DE AULA

O COTIDIANO NA GRÉCIA ANTIGA

A versão romanceada à qual os alunos tiveram acesso traz alguns dados importantes para caracterizar a civilização grega na Antigüidade: aparecem vários trechos descritivos que permitem vislumbrar, por exemplo, como se organizavam as comunidades; de que modo a sociedade era dividida hierarquicamente; quais os papéis da religião e do Estado no cotidiano da pólis (a cidade-estado grega); como os exércitos se identificavam e como as pessoas se vestiam; quais eram os valores estéticos da época.

Organizados em pequenos grupos, os alunos podem, com a ajuda do professor de História, ampliar e aprofundar tais informações, pesquisando em outras fontes e realizando pequenos seminários temáticos a serem apresentados para o restante da classe. Ao final, um grande painel mural pode ser produzido pelos grupos, a fim de contextualizar melhor o enredo do mito.

MULHERES NA GUERRA

Preparar uma atividade que mobilize a habilidade de comparar textos, propondo a audição e a análise da canção “Mulheres de Atenas”, composta por Chico Buarque e Augusto Boal para a peça homônima, uma adaptação de *Lisístrata* (ou *A greve de sexo*), obra do comediante grego Aristófanes (c. 445-380 a.C.).

Valeria a pena destacar o caráter irônico da canção. Nela se louva a “docilidade” das mulheres atenienses que, em Aristófanes, recusaram-se a satisfazer sexualmente os maridos enquanto a guerra perdurasse.

Os alunos poderiam estabelecer comparações entre a letra da canção e os perfis de Ifigênia, Clitemnestra e Helena no romance lido. Debates sobre temas como casamento e virgindade; família e autonomia na escolha do consorte; a condição da mulher na atualidade seriam então organizados a partir dos resultados da leitura comparativa.

A canção integra o disco *Meus caros amigos* (Philips, 1976), e a letra pode ser encontrada em *Chico Buarque – letra e música* (São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 144) ou também no site do artista: <http://chicobuarque.uol.com.br>.

ENTREVISTAS IMAGINÁRIAS

Propor que os alunos assistam a versões cinematográficas que retratem o período da história grega descrito no romance. O recente filme *Tróia*, do diretor Wolfgang Petersen, que traz Brad Pitt como Aquiles e Brian Cox como o rei Agamêmnon, pode servir de impulso a uma discussão sobre os perfis de heróis na história da literatura e do cinema: quais suas características na Antigüi-



dade, na Idade Média, na Idade Moderna e na contemporaneidade (como no filme de animação *Os incríveis*, por exemplo)?

Os professores de Artes, História e Língua Portuguesa podem propor um trabalho de pesquisa conjunto, numa tarefa interdisciplinar. Os resultados podem ser apresentados no formato de reportagem (impressa e/ou televisiva), incluindo entrevistas imaginárias com algumas dessas célebres personagens.

IFIGÊNIA E ISAAC

O mito de Ifigênia permite, ainda, uma aproximação com um triste dado da atualidade: o sacrifício “voluntário” de pessoas, levadas por motivações religiosas, como no caso dos homens-bomba, em vários países. Pesquisas em jornais e revistas e entrevistas feitas pelos próprios alunos com representantes de várias religiões podem servir como importantes subsídios para uma discussão mais aprofundada sobre tema tão polêmico.

O episódio bíblico de Abraão e Isaac (Gênesis, capítulo 22) permite outra aproximação interessante: ambos partem de uma exigência divina; nos dois casos, a divindade parece mudar de idéia, apenas usando o fato para testar a fidelidade dos devotos. Mas o que esses mitologemas guardam de diferente, sobretudo no que diz respeito às relações entre religião e Estado e ao comportamento dos pais na hora de tomar a decisão?

NO BANCO DOS RÉUS

Uma espécie de tribunal pode ser simulado em sala de aula, tendo como réus ora Helena, ora Agamêmnon, ora a própria deusa vingativa Ártemis, ou mesmo Ifigênia. Alguns alunos posicionam-se para defender os acusados; outros agem na acusação. Ao fim, o júri formado pelo conjunto da turma avalia os argumentos e dá o veredicto.

Simular dois tribunais diferentes, um na terra dos homens, outro no Olimpo, com as divindades reunidas, pode também propiciar uma boa reflexão sobre as relações entre leis, direitos e perspectivas ou pontos de vista.

O MITO EM IMAGENS

Por meio de desenhos e colagens, os alunos podem ilustrar a história, com maior atenção para o seu desfecho, com a metamorfose da heroína virgem em um animal silvestre. E também criar finais alternativos, a serem escritos e/ou dramatizados, para que a classe possa eleger o melhor.